

Referência da obra resenhada:

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RESENHA DO LIVRO “O NOVO IMPERIALISMO” DE DAVID HARVEY

Pedro Leonardo Cezar Spode

Mestrando em Geografia - PPGgeo - UFSM

E-mail: pedrospode@gmail.com

Lilian Hahn Mariano da Rocha

Profª. Drª. Departamento de Geociências - UFSM

E-mail: lhrocha@yahoo.com

“O nascimento do capital nada teve de tranquilo. Foi inscrito na história do mundo, como disse Marx, “em letras de sangue e fogo”” (HARVEY, 2014, p. 133).

David Harvey é um geógrafo britânico, professor de Antropologia do Centro de Pós-Graduação da *City University of New York*. Desde o final da década de 60 vem estudando temas como a urbanização, a reprodução do capital nas cidades e as transformações no capitalismo no período atual, através do método que ele denomina “materialismo-histórico-geográfico”, sendo um dos precursores da escola crítica de Geografia. Autor de diversas obras importantes, entre elas “A Justiça Social e a Cidade”¹ (1973) e “A Condição Pós-Moderna” (1989), livro no qual o autor realiza um estudo sobre as origens da mudança cultural no século XX. Definitivamente uma obra fundamental. Harvey permanece publicando artigos e livros, tendo nos últimos anos lançado a coleção chamada “Para Entender o Capital”, onde em dois livros analisa de forma detalhada os Volumes I, II e III da obra “O Capital” de Marx. Esteve no Brasil recentemente, em divulgação do novíssimo “A Loucura da Razão Econômica: Marx e o capital no século XXI”, lançado no país em 2018.

122

Em “O Novo Imperialismo”, publicado em 2003, Harvey traz à tona o desenvolvimento do poder hegemônico dos Estados Unidos, fazendo um panorama histórico de sua dominação política, econômica e militar. O autor utiliza como ponto de partida, a intervenção militar unilateral norte americana ao Oriente Médio em 2003, que culminou na Guerra do Iraque.

Ao introduzir a temática, o autor busca compreender o real significado da invasão ao Iraque, e os fenômenos posteriores deste processo, ao apresentar os seguintes questionamentos: “acabará

¹ A obra “A Justiça Social e a Cidade” foi publicada no Brasil em 1980, com a tradução realizada pelo geógrafo Armando Corrêa da Silva. Ver: HARVEY, David. A justiça social e a cidade. Hucitec, 1980.

ela sendo, ou parecendo ser, uma ocupação colonial, um regime clientelista imposto pelos Estados Unidos, ou uma genuína libertação?" (p. 7).

A obra é estruturada em sete seções com cinco capítulos, distribuídos da seguinte maneira: *Tudo por causa do petróleo*, *Como o poder norte-americano se expandiu*, *A opressão via capital*, *A acumulação via espoliação* e *A coerção consentida*. Além do Prefácio e Posfácio, ambos escritos pelo próprio autor.

David Harvey inicia tratando sobre os grandes impérios existentes em séculos passados, como Otomano e Romano, e assim, argumenta que a principal razão dos seus declínios está na expansão demasiada de territórios, o qual, conforme se expandem, mais difícil torna-se o seu controle. O geógrafo utiliza como exemplo o Império Britânico, último grande império anterior ao norte americano e pontua sobre a hegemonia global do mesmo, que naquele contexto era conhecido como "um império sobre o qual o sol nunca se punha" [...] (p. 11), "slogan" utilizado em alusão ao imenso número de colônias sob controle britânico, nos quatro cantos do globo terrestre.

Nesse sentido, o autor desenvolve uma discussão a respeito dos motivos que levaram os Estados Unidos ao posto de potência hegemônica atual, aborda a expansão externa do país, citando exemplos de intervenções norte americanas, principalmente na América Latina e Ásia, onde, em diferentes momentos, influenciou ou possuiu alguma ligação com golpes de estado contra governos democráticos, em diversos países, como o de Allende no Chile em 1973.

Aborda também, o referencial teórico que permeia o Imperialismo, autores com vasta obra sobre o assunto são citados, como Lenin e Rosa Luxemburgo, assim como Hannah Arendt. Ademais, menciona a relevância teórica da obra "*Império*"², de Michael Hardt e Antonio Negri, publicada em 2000.

Harvey expõe a decisão de guerra unilateral contra o Iraque por parte do Estados Unidos em 2003, salientando o apoio de países como Inglaterra e Espanha, assim como as negativas de nações como Rússia, Alemanha e França, em um contexto de grandes mobilizações populares anti-guerra, ocorridas tanto em solo americano, como em outros países, como Inglaterra e Brasil. Nesse sentido, o autor exibe uma crítica às reais motivações que permearam a investida norte-americana ao Iraque, com a possibilidade destas, estarem pautadas essencialmente no petróleo daquela região.

Desse modo, de uma perspectiva geopolítica, Harvey argumenta sobre a importância do domínio sob o Oriente Médio, onde, segundo o próprio autor, desde a década de 1980 os Estados Unidos mantêm presença militar na região. O autor reafirma o pensamento do cientista político M.

² Nesta obra Hardt e Negri abordam sobre a nova roupagem do imperialismo no contexto de pós-modernidade e globalização. Ver em: HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. 3^a edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

T. Klare³, ao afirmar que, “quem controlar o Oriente Médio controlará a torneira global do petróleo, e quem controlar a torneira global do petróleo poderá controlar a economia global, pelo menos no futuro próximo” (p.25).

No segundo capítulo, o autor examina quais fatores influenciaram na expansão do poder norte-americano. Para cunho de análise, Harvey define o termo “imperialismo capitalista”, entendido como a fusão contraditória entre “a política do Estado e do império” (p.31). O autor afirma que o imperialismo deve ser compreendido através das lógicas territorial e capitalista do poder, estas que, possuem relação dialética, e “se entrelaçam de formas complexas e por vezes contraditórias” (p.34). Essas lógicas se diferem entre si, no entanto, normalmente a lógica capitalista é a que predomina, embora em algumas oportunidades a lógica territorial se sobressaia.

O autor salienta que a literatura sobre o imperialismo e o império supõe, com demasiada frequência, um fácil acordo entre esses temas, onde “os processos político-econômicos são guiados pelas estratégias do Estado e do império e que os Estados e os impérios sempre agem a partir de motivações capitalistas.” (p.34). Assim, Harvey adentra os conceitos de poder e hegemonia, e destaca o nome de Hannah Arendt⁴, que ao examinar as origens dos governos totalitários, aborda sobre a expansão interminável de poder pela classe hegemônica, assim como Gramsci⁵, que parafraseado por Harvey, afirma que coerção e consentimento são elementos inerentes ao exercício do poder.

124

Dessa maneira, o autor argumenta que a hegemonia política dá-se em função de três planos: liderança e consentimento, domínio via coerção, combinação de coerção e consentimento. Analisando por essa perspectiva, o geógrafo aponta que por determinadas ocasiões, a Guerra Fria conduziu os Estados Unidos a prática de dominação econômica definida pelo autor como “coerção consentida”, e, todavia, em outras oportunidades, pela ação político e militar, frente aos perigos do comunismo soviético, também em processo de expansão. Nesse sentido, portanto, Harvey aponta que a expansão geográfica da acumulação do capital por parte dos Estados Unidos, se deu mediante descolonização e com o “desenvolvimento”, como meta para o resto do mundo.

³ Michael T. Klare é professor da área de Ciência Política da Universidade de Columbia, autor de diversas obras no âmbito da política internacional. A obra a qual Harvey se refere é: KLARE, Michael. *Resource wars: the new landscape of global conflict*, New York, Henry Holt, 2001.

⁴ Em *As Origens do Totalitarismo* Hannah Arendt analisa os principais movimentos totalitários ocorridos durante o Século XX, entre eles o Nazismo na Alemanha. A obra foi publicada originalmente em 1951. Ver: ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. Leya, 2017.

⁵ Ver: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Editora Record, 1999.

Na segunda parte do mesmo capítulo, o autor aborda sobre a hegemonia neoliberal, entre os anos de 1970 e 2000, no qual o capital financeiro, em um contexto de flexibilidade econômica, denominado pelo autor como “acumulação flexível”⁶, torna-se o *locus* central do sistema econômico capitalista. De acordo com Harvey (2014) “o capital financeiro passou ao centro do palco nessa fase da hegemonia norte-americana, tendo podido exercer certo poder disciplinar tanto sobre os movimentos da classe operária como sobre as ações do Estado [...]. (p.59).

No terceiro capítulo, intitulado “A opressão via capital”, Harvey discute sobre a “ordenação espacial”, ou ordenação espaço temporal, teoria por ele proposta, onde segundo o autor, a ordenação espacial nada mais é, do que a solução para as crises de sobreacumulação, intrínsecas ao capitalismo. O autor relata ainda, sobre as mudanças nos modos de produção na década de 1970, principalmente em resposta a crise do Petróleo de 1973, marco simbólico da transformação do capitalismo, assinalado por dois processos principais: o deslocamento geográfico dos processos produtivos no espaço e a transferência do poder e do capital para as instituições financeiras.

Isso revela a produção econômica do espaço. Entretanto, o novo imperialismo não ocorre apenas no sentido da acumulação econômica, mas também pela “acumulação via espoliação” e pela “coerção consentida”. Harvey dedica os dois últimos capítulos dessa obra para detalhar esses processos, e, no que se refere ao primeiro, examina suas semelhanças com a acumulação primitiva⁷ de Marx, assim como o papel fundamental do Estado na produção dos processos que a constituem.

A acumulação via espoliação ocorre de diversas maneiras, segundo Harvey, “com a privatização como um de seus principais mantras” (p. 120). O autor apresenta um exemplo prático da atuação da mesma, quando menciona sobre a expulsão de populações camponesas, assim como a formação de proletariados despossuídos de terra, mencionando exemplos de países como o México e a Índia. David Harvey ainda comenta sobre recursos que possuam caráter comum às populações, como a água, estarem na rota das privatizações, “(com insistência do Banco Mundial) e inseridos na lógica capitalista da acumulação” [...] (p. 121). Esses e outros exemplos de acumulação via espoliação, revelam a base teórica marxiana do autor, no qual, de modo preciso, traz uma nova roupagem ao conceito de Marx, aplicando-o aos fenômenos do capitalismo contemporâneo.

Alguns exemplos de acumulação via espoliação podem ser visualizados no estado do Rio Grande do Sul, como o avanço da soja no pampa gaúcho, e o consequente esvaziamento

⁶ Ver: HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* . 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

⁷ Marx descreve o conceito de Acumulação Primitiva no capítulo 24 da obra *O Capital*. Ver: MARX, Karl. 1989. *O capital*. v1.13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil AS.

populacional dos municípios desse bioma, assim como a espoliação de populações tradicionais de seus territórios originais, no que alguns autores, entre eles Marcel Achka, denominam como “fenômeno da sojização⁸”, em tradução livre.

Harvey argumenta que do ponto de vista do sistema econômico, a acumulação via espoliação também contribui para solucionar o problema das sucessivas crises de sobreacumulação. Isso se dá, principalmente, pelo fato de a acumulação por espoliação possuir caráter exploratório, o que conduz a liberação de novos ativos, que vão desde espaços físicos, até força de trabalho, garantindo, dessa forma, com que o capital se aposse destes ativos, destinando uso lucrativo aos mesmos. É nesse âmbito que acontecem as privatizações, no qual o autor se refere como o “braço armado” da acumulação por espoliação. (p.130).

O autor encerra este capítulo apresentando alternativas à acumulação por espoliação, onde reitera a respeito das lutas de classe que permearam a acumulação primitiva de Marx, estabelecendo um paralelo com as lutas políticas e sociais anticapitalistas e anti-imperialistas de nossa época. Harvey enfatiza que “os movimentos políticos, para ter algum impacto macro e de longo prazo, têm de sair da nostalgia com relação ao que se perdeu e, do mesmo modo, preparar-se para reconhecer os ganhos positivos a ser obtidos da transferência de ativos” [...] (p. 145.146).

No Rio Grande do Sul, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), em 2017, produziu algo em torno de 27 toneladas de arroz orgânico, sendo o maior produtor de arroz sem veneno da América Latina, segundo dados do MST⁹. Além disso, em assentamentos localizados em Piratini, Sul do estado, o MST produz mais de 50 variedades de feijão orgânico, comercializado em feiras organizadas pelo próprio movimento. O MST, assim como outros inúmeros exemplos, devem ser destacados como alternativas à acumulação por espoliação, por meio do que Harvey denomina como “formas limitadas de expropriação” (p. 146), as quais, alguns grupos alcançam relativa visibilidade política, além de certa presença na economia de mercado.

No capítulo final, Harvey discute acerca da coerção consentida, onde expõe a necessidade de compreender estes processos através de uma dupla dialética: das lógicas territorial e capitalista do poder e em segundo lugar, as relações interiores e exteriores do Estado capitalista. Para isso, o autor expõe a importância fundamental de observar que o imperialismo norte-americano passou de uma

⁸ O autor discute sobre “la aparición y expansión progresiva desde Brasil y Argentina del fenómeno de sojización (ACHKA, 2017, p. 126). Ver artigo completo em: ACHKA, Marcel. El bioma pampa: un territorio en disputa. In: Olhares sobre o pampa: um território em disputa / organizadoras Carmen Rejane Flores Wizniewsky, Eliane Maria Foleto. – Porto Alegre: Evangraf, 2017.

⁹ O MST colheu 27 mil toneladas de arroz sem veneno. Ver em: <https://www.extraclasse.org.br/edicoes/2017/04/mst-colheu-27-mil-toneladas-de-arroz-sem-veneno/>

modalidade neoliberal, para a modalidade neoconservadora, que embora com diferenças no plano tático ou estratégico, se ligam nos mesmos objetivos imperialistas.

Nesse sentido, D. Harvey ainda enfatiza que uma alternativa, dentro do modo de produção capitalista, se daria por uma espécie de novo *New Deal* de alcance global, o qual o autor afirma que significaria libertar a lógica da circulação e acumulação do capital de seus

“[...] grilhões neoliberais, reformulando o poder do Estado segundo linhas bem mais intervencionistas e redistributivas, conter os poderes especulativos do capital financeiro e descentralizar ou controlar democraticamente o poder avassalador dos oligopólios e monopólios [...]” (p. 167-168).

Assim, o autor encerra a obra destacando o papel crucial da dialética interior/exterior na construção do imperialismo neoconservador norte-americano, e ressalta a importância da reversão dessa dialética, no sentido de impulsionar uma política anti-imperialista.

Apesar de publicado em 2003, quinze anos atrás, a obra de David Harvey nunca esteve tão atual, tendo em vista como se desenvolve a geopolítica contemporaneamente. Donald Trump, empresário ligado ao capitalismo financeiro, é o atual presidente dos Estados Unidos da América, eleito sob o viés de uma política que representou as alas mais conservadoras da sociedade americana. Isso demonstra uma retomada “neoconservadora” nos Estados Unidos. Conforme Harvey destacara naquele contexto em referência ao ex-presidente George W. Bush: “o neoconservadorismo substituiu o neoliberalismo defendido por Clinton” (p. 23).

127

No Brasil a situação não é diferente. Em tempos recentes, o país também observa a ascensão do neoconservadorismo. Isso se dá em um período histórico marcado por crises econômicas e políticas, que resultaram no *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, em 2016. Além disso, o novo Presidente eleito do Brasil, em 2018, trata-se de Jair Bolsonaro, político e militar da reserva, Deputado Federal pelo Rio de Janeiro por diversos mandatos. Cabe mencionar que a figura de Bolsonaro alcançou destaque nos últimos anos através do discurso de caráter autoritário e conservador do político, com a defesa de pautas ultraconservadoras, como redução da maioridade penal e alteração no estatuto do desarmamento. Isso se relaciona a fala de David Harvey, quando o autor salienta que “para o movimento neoconservador, a adesão a princípios morais também é vital” (p. 154).

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001”

Recebido em: 27/08/2018
Aceito em: 06/11/2018